

I ENCONTRO REGIONAL DE
HISTÓRIA ORAL / SUDESTE - SUL
São Paulo 26, 27 e 28 de abril de 1995

Heber

(Re)INTRODUZINDO A HISTÓRIA ORAL NO BRASIL

In memoriam Professora Elza Nadai

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Encontro Regional de História Oral Sudeste — Sul (1. : 1995 :
São Paulo)

(Re) Introduzindo a história oral no Brasil / organização
José Carlos Sebe Bom Meihy. — São Paulo : Xamã, 1996. —
(Série eventos)

ISBN 85-85833-15-7

1. Brasil - História Oral I. Meihy, José Carlos Sebe
Bom, 1943- II. Título. III. Série.

96-0766

CDD-907.2081

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : História oral 907.2081

USP

São Paulo, 1996

NOTAS

- 1 DURHAM, E. Cultura e ideologia. *Revista Dados*, v. 27, nº 1. Ed. Campus, 1984.
- 2 LEITE LOPES, J. Sérgio. *A teceologia dos conflitos de classes na Cidade das Chaminés*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1988.
- 3 GOMES, A. M. de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. Rio de Janeiro, Vértice/JUPERJ, 1988.
- 4 ———. *Velhos militantes - Depoimentos*. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1988.
- 5 MANGABEIRA, Wilma. *Dilemas do Novo Sindicalismo*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1993.
- 6 THOMPSON, E. P. *The Making of the English Working Class*. Middlessex, Penguin Books, 1979.
- 7 Foram necessárias representações por parte de membros da equipe de Dom Helder Câmara, de passagem pelo Rio, a operários vinculados à Ação Católica Operária do Recife que, por sua vez, deram acesso a operários e ex-operários da Companhia Paulista. Muito provavelmente por isso, a questão do anonimato dos informantes se coloca de formas diversas nesses casos. O informante é identificado pelo historiador, não o é pelos cientistas sociais na maior parte dos casos.

REFLEXÕES DE UMA SOCIÓLOGA SOBRE O USO DO MÉTODO BIOGRÁFICO

Olga Rodrigues de Moraes von Simson

Como primeiro ponto desejo salientar que minhas reflexões certamente vão diferir dos pontos de vista apresentados pelos colegas nesta mesa-redonda e provavelmente essas diferenças advêm das visões diversas que as disciplinas que se valem do método biográfico¹, apresentam ao utilizá-lo. Se este é um dos problemas que tal método apresenta, é, por outro lado, essa mesma diversidade de utilização que fornece a ele uma riqueza interpretativa muito grande, quando utilizado por equipes multidisciplinares de pesquisa.

Um outro ponto que julgo importante deixar registrado, logo de início, é o de que ao me utilizar do método biográfico em pesquisas de reconstrução histórico-sociológica, não tenho como preocupação mais importante o resgate dos fatos, enquanto verdades históricas, captando seus detalhes e consequências em busca da anulação das discrepâncias, mas me preocupo em captar e entender as visões de mundo, aspirações e utopias elaboradas por diferentes estratos ou grupos sociais neles envolvidos e os mecanismos de veiculação das mesmas, primeiramente entre os membros do próprio grupo estudado e depois, alargando seu raio de influência, para atingir outros agrupamentos da sociedade.

Uma outra preocupação desse tipo de pesquisa seria a de entender as formas de transmissão dessas visões de mundo e utopias de geração para geração, não só dentro de um mesmo agrupamento social, mas também na sociedade mais ampla².

O método biográfico apresenta várias técnicas de coleta de informação que vão desde uma forma muito dirigida que deixa poucas

possibilidades de liberdade para o informante, seja na criação ou no direcionamento do seu relato (entrevista dirigida), passando por formas intermediárias em que o documento é elaborado numa perfeita e frutífera parceria entre pesquisador e pesquisado, até aquelas em que este fica completamente livre para construir a sua fala, cabendo ao entrevistador somente o papel de ouvinte interessado e atento (história de vida)?³

Cabe ao pesquisador, dependendo da problemática da pesquisa, definir que tipo de instrumento se apresenta como o mais adequado para realizar a coleta de informações e se este deverá ser combinado com outros recursos de pesquisa que exploram suportes empíricos diversos. (mapas, fotografias históricas, músicas, desenhos, etc.) É também a definição da problemática da pesquisa que permitirá ao pesquisador perceber que tipo de informante deverá ser buscado, visando um bom rendimento da mesma: se um dirigente ou um simples participante do grupo, se homens ou mulheres, se jovens ou idosos, por exemplo, ou mesmo uma combinação dessas diferentes variáveis.

Em três pesquisas diversas venho utilizando o recurso dos depoimentos orais e tentarei, me valendo das mesmas como exemplo, discutir as possibilidades e imitações dessa técnica no âmbito do método biográfico.

Uma das condições fundamentais para que o método biográfico funcione eficientemente, através da técnica dos depoimentos orais, é a de que o pesquisador seja capaz de construir uma parceria que permita a ele elaborar, em conjunto com seus entrevistados, documentos significativos para o estudo da problemática que ele se propôs investigar.

Na primeira pesquisa que realizei utilizando essa metodologia, tinha como objetivo reconstruir histórico-sociologicamente o carnaval popular de brancos e negros da cidade de São Paulo. Um trabalho anterior sobre o carnaval paulistano do século XIX⁴ já havia me alertado que para dar conta de tal desafio, deveria necessariamente me valer dos depoimentos orais dos líderes mais idosos dos agrupamentos carnavalescos paulistanos.

O carnaval branco imigrante havia desaparecido na cidade de São Paulo logo após a Segunda Guerra Mundial e, portanto, se tornava quase impossível localizar, no início dos anos 80, os líderes das agremiações que haviam existido entre os anos 20 e 40 deste século. Quanto às lideranças negras, ainda atuantes no carnaval paulistano, seu número era relativamente

reduzido e, talvez por isso, já haviam sido intensamente entrevistadas pela "mídia" (tanto escrita como áudio-visual), o que lhes havia criado um certo ar de enfado, ao ter que enfrentar uma outra situação cansativa de interpelações, nem sempre muito pertinentes.

Como estabelecer uma parceria com um universo tão reduzido e tão desinteressado?

Consegui convencer os informantes, que julgava fundamentais para a realização do trabalho de pesquisa, através da estratégia de oferecer-lhes a oportunidade de deixar seus depoimentos gravados no Museu da Imagem e do Som, uma chance que para a comunidade negra paulistana ainda não havia sido aberta. Quanto aos informantes do grupo branco imigrante a "isca" também funcionou, mas como em sua maioria estes não haviam sido os dirigentes dos folguedos brancos, se mostravam bastante inseguros e solicitaram a montagem de entrevistas conjuntas, nas quais a memória de um informante era ativada pelas lembranças dos demais. Houve, entretanto, depoentes importantes que não concordaram em deixar registrados seus depoimentos no MIS, devido ao temor vigente na camada popular, de que gravar entrevista no Museu poderia levar o depoente a "abotoar o paletó", como havia sido o caso de alguns entrevistados muito idosos que deixaram sua vida registrada já no final de sua existência, fato que não deixou de ser observado e anotado por eles. Em tais casos a equipe de pesquisa se locomoveu para o local escolhido pelo informante no sentido de realizar a coleta do seu depoimento em condições ideais.

Trabalhando com os dois grupos (negros e brancos) pudemos perceber que a empatia que levava à parceria, na construção de um documento histórico-sociologicamente interessante, se concretizava de maneira muito mais simples e rápida com o grupo que historicamente havia sido o mais discriminado e que por isso mesmo havia elaborado toda uma visão de mundo onde a injustiça e a discriminação estavam denunciadas e criado uma estratégia de afirmação étnico-cultural, através da conquista do espaço carnavalesco como o locus privilegiado do contingente negro da população paulistana. Percebemos também que a mensagem que o grupo negro transmitia ao pesquisador, através dos seus relatos orais, era muito mais clara e consciente e ia além da simples denúncia, chegando a mostrar o carnaval como o caminho alternativo escolhido conscientemente por eles

para realizar uma resistência inteligente e se afirmar como grupo étnico-social, capaz de criar culturalmente algo que, na atualidade, aparece como O CARNIVAL da cidade de São Paulo⁵.

Quando examinamos os relatos do grupo branco imigrante percebemos que eles também tinham uma mensagem a transmitir ao pesquisador, a qual apresentara uma certa visão de mundo que continha nas entrelinhas uma denúncia do isolamento e da desvalorização dos velhos, pela população das camadas médias da nossa sociedade urbana. Mas não conseguiram ir muito além dos sentimentos de nostalgia, ao lembrar uma época em que as relações sociais tinham muito mais significado, quando grupos nos bairros operários se organizavam para alcançar objetivos comuns e eles apareciam como elementos chaves nessas organizações. Eles chegaram mesmo a denunciar a desvalorização do velho e da sua experiência em nossa sociedade, mas não demonstraram haver elaborado nenhuma aspiração ou estratégia concreta para sobrepujar essa situação, visualizada como injusta⁶.

Uma pesquisa, recentemente terminada, em que estudamos famílias imigrantes alemãs da zona rural e da zona urbana de Campinas, procurando entender como a educação e o consumo cultural foi por elas utilizado, como estratégia de ascensão na sociedade brasileira, também ficou muito claro que o grupo rural, muito mais discriminado ao longo de sua longa trajetória, tanto na sociedade de origem como na brasileira, foi aquele com quem os pesquisadores mais rapidamente estabeleceram uma empatia e uma parceria que permitiram aprofundar e enriquecer a atividade de pesquisa.

Nesse caso, a situação de entrosamento se coloca de maneira ainda mais inusitada e instigante pois, tendo o projeto de pesquisa recém aprovado pela entidade financiadora, dentro de um Projeto Integrado CNPq/CERU, fomos procurados pelo grupo dirigente da Associação Escolar do Bairro Rural de Friburgo para, através do Centro de Memória da UNICAMP, realizarmos o resgate histórico da trajetória do grupo, desde suas origens europeias até a atualidade. Estabeleceu-se então uma dessas oportunidades raras, nas quais a comunidade pesquisada e a equipe de pesquisadores trabalharam em uníssono, visando um objetivo comum, que era igualmente importante para ambos os grupos envolvidos na parceria.

Esse grupo de teuto-brasileiros, que durante décadas se manteve isolado e ignorado pelo poder público nos limites do município de Campinas com Indaiatuba e Montemor, e que até hoje não conta com estradas adequadas que liguem o bairro ao centro da cidade, não só estava plenamente consciente da situação injusta que sempre enfrentou, como percebia que só pelo esforço associativo, muito cedo exercitado por eles, haviam sido capazes de superar as dificuldades quase intransponíveis que o desejo de fixação em terras brasileiras lhes apresentou. Sabiam também que, mesmo na atualidade, uma melhoria de condições de vida para o contingente mais jovem, descendente em terceira ou quarta geração dos pioneiros do navio Johann Elizabeth teria necessariamente, como no passado, que passar pela educação e contar principalmente com os esforços que eles mesmos, pelo movimento associativo, fossem capazes de reunir e organizar⁷.

Não foi tão promissora a parceria que conseguimos estabelecer com os representantes da colônia alemã na zona urbana de Campinas, pois estes, já bastante integrados à sociedade campineira, não possuíam uma mensagem clara (nem de denúncia de discriminação, nem de afirmação como grupo étnico-social), que quisessem transmitir à equipe de pesquisa. Apenas aqueles, com uma nítida visão da importância de sua família na história da colônia alemã na cidade, se dispunham a colaborar com os pesquisadores, apresentando maior entusiasmo e envolvimento, o que parece indicar que, quanto mais integrados à sociedade brasileira, menor o interesse dos grupos em reconstituir sua memória, como um agrupamento que se diferencie sócio-culturalmente do todo da sociedade mais ampla.

Uma pesquisa interdisciplinar, ainda em andamento, que estuda a formação da identidade de bairro, através da reconstituição da história de dois bairros da cidade de Campinas: um de origem proletária e ainda hoje abrigando majoritariamente famílias de pequena classe média (Vila Industrial) e outro de origem aristocrática e atualmente reduzido do comércio elegante e dos condomínios verticais que alojam as famílias economicamente bem sucedidas (Cambu), fornece também indicações interessantes para a presente reflexão de caráter metodológico.

Na Vila Industrial a equipe de pesquisa tem sido muito bem recebida pelos seus moradores, os quais vivendo no bairro muitas vezes desde seu nascimento e conhecendo a história do mesmo, através dos relatos recebidos

de seus pais e avós, se apressam em dividi-la com os pesquisadores, indicando os espaços mais significativos em termos dessa reconstrução histórico-sociológica e se alegam ao saber que as estórias, que há décadas circulam entre os grupos de vizinhança ou no seio das famílias tradicionais do bairro, encontrarão agora um registro mais cuidadoso.

No Cambuí, entretanto, como as famílias mais abastadas que construíram suas mansões e sobrados nos anos 40 e 50, depois da urbanização das chácaras aristocráticas, já se mudaram para bairros mais valorizados, criados a partir dos anos 70, restando vivendo no local, dos grupos familiares mais antigos que conhecem a história, somente os que pressionados pelo insucesso econômico se vêem obrigados a viver ilhados entre grandes edifícios de apartamentos e os restaurantes e bares da moda. Tornou-se, então muito difícil para a equipe de pesquisa encontrar informantes válidos que se interessassem em relembrar conosco a história da comunidade, pelas próprias circunstâncias atuais de sua constituição.

Falar do passado do Cambuí, como o bairro aristocrático da cidade, significa admitir o insucesso econômico que os impediu de continuar a migração em direção a Paineiras ou Nova Campinas, ou mesmo buscando os condomínios fechados, lugares habitados pela elite econômica atual da cidade. Esse processo de descenso social sendo muito recente impede a denúncia e inviabiliza, portanto, a parceria com a equipe de pesquisadores na construção da história do bairro, indicando também que entre os moradores de um bairro de classe média e média alta, à semelhança dos bairros-dormitórios da periferia, a intensa movimentação populacional tem impossibilitado a constituição de uma identidade de bairro, sendo talvez esta a condição mais abrangente do viver atual, numa região metropolitana.⁸

Como nessa pesquisa, ainda em andamento, nos propusemos a realizar um registro do viver cotidiano dos dois bairros estudados com o auxílio de um pesquisador misto de fotógrafo e antropólogo, a nítida diferença entre as duas situações urbanas estudadas ficou ainda mais explícita. Enquanto na Vila Industrial o fotógrafo é muito bem recebido pela população local que se alegra em posar, indicando ao pesquisador da imagem o que deve fotografar e por que, participando assim ativamente do trabalho de registro do viver num bairro popular da cidade, a situação no Cambuí é completamente diversa.

Os antigos moradores, compartilhando uma visão de mundo de influência burguesa que valoriza a privacidade e a vida no seio da família e não querendo que se registre sua atual situação de vida pouco favorável, evitam ser fotografados e encaram o fotógrafo como um intruso que vem invadir sua intimidade⁹.

Sendo o Cambuí visualizado pela população da cidade e adjacências como o bairro da moda, fato que é reforçado pela "mídia" local, esta região tem sido procurada nos fins de semana, por grupos de jovens que vivendo em outros bairros ou em cidades vizinhas menos dotadas pelas benesses do lazer transformado em mercadoria, buscam os bares e pontos de encontro do bairro para entrarem em contato com outros adolescentes e se divertirem, nem sempre de maneira calma e ordeira. Tais grupos, muitas vezes entram em choque com os adolescentes do próprio Cambuí, que não os aceitam nos mesmos espaços e, ambas "as tribos", se mostram hostis às tentativas de registro fotográfico, encarando o pesquisador-fotógrafo como um intruso invasor que deve ser afastado.

Assim, podemos perceber que mesmo junto às gerações mais novas, fica praticamente inviabilizado o estabelecimento de uma parceria válida entre pesquisadores e pesquisados visando estudar a realidade do Cambuí, pois não é possível constituir-se objetivos comuns que levem a uma identidade no trabalho de construção do conhecimento.

Baseada nessas experiências concretas de pesquisa gostaria de responder às questões propostas aos participantes desta mesa-redonda. História Oral: Por que? De quem? Para quem?

Por que? Porque os métodos quantitativos nas Ciências Sociais tendo já indicado os grandes temas a serem pesquisados e denunciado as injustiças, produto de estruturas sociais encaradas como ultrapassadas, não foram, entretanto, capazes de captar e entender como o indivíduo inserido nos diferentes patamares da hierarquia social vivenciou e entendeu essas situações injustas (visão de mundo) e quais seriam as suas aspirações e estratégias em busca de formas alternativas de organização da vida em sociedade (utopias).

De quem? A partir das lideranças de grupos sociais marginalizados e oprimidos que, tendo desenvolvido uma reflexão sobre seu papel individual, dentro do próprio agrupamento e do significado da história dessa

comunidade, na trajetória da sociedade mais ampla, são capazes de lembrar com sentido e possuem objetivos claros nessa tarefa de rememorar. São eles, também, que percebem e valorizam o trabalho do pesquisador que se utiliza do método biográfico e conseguem, com ele, estabelecer parcerias válidas, visando a construção de um conhecimento que possui valor tanto no âmbito da ciência básica, como no da ciência aplicada.

Para quem? Em primeiro lugar para os membros do próprio grupo pesquisado, no sentido de instrumentalá-los para a luta que desenvolvem ou pretendem desenvolver. Mas também para a sociedade mais ampla, pois esta precisa escutar as muitas vozes que tenham ficado, até então, inaudíveis, aquelas vozes que são capazes de reconstituir visões de mundo, aspirações e utopias, que embora não tenham sido as hegemônicas e, portanto, não puderam se realizar integralmente, são entretanto fundamentais, no enriquecimento da diversidade de estratégias e trajetórias que uma mesma sociedade deve necessariamente conhecer e englobar.

Olga Rodrigues de Moraes von Simson. Faculdade de Educação - DECSIAE e Centro de Memória - UNICAMP.

NOTAS

- 1 BROSCH, Lucila & TRIGO, Maria Helena B. *Família, representação e cotidiano - Reflexão sobre um trabalho de campo*. Textos C.E.R.U. 2a. série, nº1, 1989, pp. 19-40.
- 2 Isso só pode ser captado através dos depoimentos de membros dirigentes dos grupos sociais estudados pois segundo Michael Lowy (In: *Ideologias e Ciências Sociais*. S.P.,

- 1989, Cortez, p. 48) Weber "afirma que cada sujeito do conhecimento científico tem seus próprios valores, suas próprias idéias sobre valores culturais. Sem essas idéias seria impossível a Ciência Social, porque são elas que dão os critérios para selecionar o objeto do conhecimento, para decidir o que vale a pena ser estudado." Poderíamos acrescentar que as hierarquias dos grupos sociais discriminados, funcionando como intelectuais orgânicos, no sentido gramsciano, realizariam essa tarefa de selecionar o que deve ser rememorado e registrado e, ao estabelecer uma parceria consciente com os pesquisadores que se valem do método biográfico, apresentam um depoimento que, sendo organizado, possui sentido e objetivo definidos.
- 3 PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *Variações sobre a técnica do gravador no registro da formação viva*. S. Paulo, T.A. Quetroz Ed., 1991.
- 4 VON SIMSON, Olga R. de Moraes. *A burguesia se diverte no reinado de momo. Sessenta anos da evolução do carnaval na cidade de São Paulo*. (1855-1915). Dissertação apresentada a F.F.L.C.H./USP para obtenção do título de Mestre. S. Paulo, 1984.
- 5 VON SIMSON, Olga R. de Moraes & GUSMÃO, Neusa M. Mendes. *A criação cultural na diáspora e o exercício da resistência inteligente*. In: *Ciências Sociais Hoje*. S. Paulo, Vértice/ANPOCS, 1989, pp. 217/43.
- 6 VON SIMSON, Olga R. de Moraes. Folgueto Carnavalesco, Memória e Identidade Sócio-Cultural. In: *Resgate*, nº 3. Campinas, Ed. Papirus, 1991, pp. 53-60.
- 7 VON SIMSON, Olga R. de Moraes. Folgueto Carnavalesco,.... op. cit., p. 56-57.
- 8 VON SIMSON, Olga R. de Moraes & equipe. *Vida Familiar de Diferentes Grupos Étnicos em São Paulo: Educação, Lazer e Consumo Cultural em Rápida Transformação - Campinas e São Paulo*. (1846-1950). Os alemães. C.E.R.U.-USP/ C.M.U.-UNICAMP Relatório entregue ao CNPq em novembro de 1994 (mimeo).
- 9 VON SIMSON, Olga R. de Moraes. Cambuí e Vila Industrial e a Identidade de Bairro - discussão de uma noção pouco estudada nas Ciências Sociais. In: *Persistências e Mudanças no Yver Urbano Campineiro: Cambuí e Vila Industrial*. C.M.U.-UNICAMP. Relatório Parcial entregue ao CNPq em abril de 1995. (mimeo)
- 9 CARNICEL, Amarildo. Imagens da Vila Industrial e do Cambuí: um exercício marcado pelo filtro da cultura. In: *Persistências e Mudanças no Yver Urbano Campineiro: Cambuí e Vila Industrial*. C.M.U.-UNICAMP. Relatório Parcial enviado ao CNPq em abril de 1995. (mimeo)